

## 3ª PARTE

---

# Prosa e Ficção

## VELHO SERTÃO

*João Clímaco Bezerra*

Eu vou contar a história de um homem do sertão. De um velho senhor de fazenda de coração tão grande que nem a seca conseguiu vencer a sua bondade. O nome dele eu não digo, que muitos dos seus netos são meus amigos e não querem ver o avô em conversa de literatura. Mas digo que era tempo de seca. E de seca braba que se estendia por muitos anos sem nenhum pingo d'água.

As secas do século passado eram mesmo brabas. O céu doía de tanto sol e a terra queimava que nem fogo. Por toda a parte era o deserto sem fim. As árvores estendiam inutilmente os galhos secos para o alto inclemente, e as cigarras cantavam de endoidecer. Não se via nem uma rês e nem um pássaro cortava a amplidão.

Pois no meio do deserto havia um oásis. Não era uma ilha de verdura. Era somente o coração de um homem. O coração daquele fazendeiro de Quixadá. Vinha gente de longe atraída pela fama da sua bondade, de uma bondade que corria mundo, varando o sertão.

E quem chegava à casa do velho fazendeiro encontrava asilo. Se queria comer, comia. Se queria dormir, dormia. Se queria ficar, ficava. Mas a despensa da casa grande foi ficando vazia.

Era inutilmente que o homem olhava para o céu. O céu continuava mudo, inclemente. E a terra a seus pés parecia uma brasa viva. Só as cigarras estridulavam na canícula tórrida. Tudo virava pó. Menos o coração do homem, que se adocicava, se abrandava com o fogo que vinha das entranhas da natureza.

E porque faltavam mantimentos, e porque já não havia dinheiro, e porque já não havia nada para dar ao povo para comer, o homem veio a Fortaleza e foi falar com o Boris, que era o banqueiro do tempo.

Mas a fama da sua bondade chegara primeiro que ele. O Boris louvou o seu gesto, mostrou a grandeza da sua caridade. Mas, homem prático, ponderou que ele estava marchando para a ruína. E, ante aquele desperdício de dinheiro, já não podia conceder-lhe crédito. E terminou incisivo:

— Você não é governo para socorrer o povo todo.

O homem voltou para casa com o coração sangrando. Não podia mais acolher a gente sofredora. A fama da sua casa desapareceria. Quem pedisse comer, não comeria. Quem pedisse acolhida, não se acolheria. Quem pedisse para ficar, não ficaria.

Estava o homem, desta forma, na sua fazenda, quando chegou uma família de retirantes. E pediu pousada e o homem respondeu que não tinha pousado. E pediu comida, e o homem respondeu que comida não havia. A mulher, com o filho no braço, começou a chorar baixinho. Arrebanhou os meninos e disse uma despedida:

— Vamos, meus filhos, a seca torrou o coração do homem.

Isso foi de manhãzinha. Na casa não houve mais sossego. O velho sertanejo andava para dentro e para fora, sem parar. As palavras do Boris queimavam mais que a seca, eram piores do que fogo.

De repente gritou:

— José Gostoso! Cadê Zé Gostoso, minha gente?

Zé Gostoso era o maior andarilho de Quixadá. Ainda hoje está velhinho para contar que vencia da sua terra a Baturité, ida e volta, em 48 horas. Mas a história das andanças de Zé Gostoso não vem ao caso.

Quando o caboclo apareceu, o velho gritou como uma ordem de guerra:

— Corra atrás daquela gente, cabra. Traga tudo para aqui.

E quando a família voltou havia comida, havia pousada, havia bondade no coração do velho. E há quem diga que as lágrimas daquela mulher socorrida caíam na terra seca como pingos de chuva, pois nunca mais faltou fartura naquele abençoado pedaço de chão.